

## ARTIGOS LIVRES

### A Antiguidade como ferramenta colonial no Norte da África: os usos do passado na criação do Projeto do Mar Interior do Saara (1874-1883)

### Antiquity as a colonial tool in North Africa: the uses of the past in the creation of the Sahara Inland Sea Project (1874-1883)

**Heitor dos Santos Rodrigues** ([heitorrodrigues.14@hotmail.com](mailto:heitorrodrigues.14@hotmail.com))<sup>1</sup>  
Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR)

#### Resumo

O presente artigo tem por intenção a análise dos usos do passado no projeto de criação do Mar Interior do Saara, idealizado pelo militar e geógrafo francês François Élie Roudaire, no contexto da colonização francesa no Norte da África. A proposta consistia em transformar os *chotts* (lagos salinos) do sul da Argélia e Tunísia em um novo mar, visando modificar o clima desértico e fomentar a agricultura, comércio e o assentamento de colonos europeus. Argumenta-se que Roudaire utilizou referências da Antiguidade para legitimar sua proposta, especialmente a menção de Heródoto ao lendário Mar Tritão, que, supostamente, teria existido na região. Ao analisar as fontes clássicas, o autor procurou apresentar o seu projeto como forma de restaurar esse corpo hídrico. Essa visão era reforçada com a ideia do antigo Norte da África como *celeiro de Roma*, cuja fertilidade e *civilização* também deveriam ser restauradas, ideia que foi utilizada pelos franceses para justificar o processo colonial naquele espaço, como parte da *missão civilizadora*. Dessa maneira, analisa-se as duas obras centrais de Roudaire: o artigo *Une mer intérieure en Algérie* (1874), no qual ele recorreu intensamente às fontes clássicas para legitimar uma narrativa histórica que favorecesse seu projeto, e o livro *La mer intérieure africaine* (1883), publicado após a rejeição do projeto, marcando uma mudança em sua abordagem frente às críticas às suas ideias. Conclui-se que as referências à Antiguidade foram fundamentais na construção de uma justificativa histórica para os empreendimentos coloniais franceses no Saara.

**Palavras-chave:** Antiguidade; Colonialismo; François Élie Roudaire; Imperialismo; Mar Interior do Saara; Usos do passado.

#### Abstract

This article analyzes the past uses of the project to create the Sahara Inland Sea, conceived by French military officer and geographer François Élie Roudaire, in the context of French colonization in North Africa. The proposal consisted of transforming the *chotts* (saline lakes) of southern Algeria and Tunisia into a new sea, aiming to modify the desert climate and promote agriculture, trade, and the settlement of European colonists. It is argued that Roudaire used ancient references to legitimize his proposal, particularly Herodotus' mention of the legendary Triton Sea, which supposedly existed in the region. By analyzing classical sources, the author sought to present his project as a way to restore this body of water. This vision was reinforced by the idea of ancient

<sup>1</sup> Bolsista Capes/Proex

North Africa as the *breadbasket of Rome*, whose fertility and *civilization* should also be restored, an idea that was used by the French to justify the colonial process in that space as part of their *civilizing mission*. Thus, we analyze Roudaire's two central works: the article *Une mer intérieure en Algérie* (1874), in which he drew extensively on classical sources to legitimize a historical narrative that favored his project, and the book *La mer intérieure africaine* (1883), published after the project's rejection, marking a shift in his approach to criticism of his ideas. We conclude that references to antiquity were fundamental in constructing a historical justification for French colonial enterprises in the Sahara.

**Keywords:** Antiquity; Colonialism; François Élie Roudaire; Imperialism; Saharan Inland Sea; Uses of the past.

## 1. Introdução

Em 1874, François Élie Roudaire<sup>2</sup> (1836-1885) publicaria o artigo *Une Mer Intérieure en Algérie*, na *Revue des Deux Mondes*, no qual formulou o Projeto do Mar Interior do Saara. Posteriormente, produziria o livro *La Mer Intérieure Africaine* (1883), defendendo seu empreendimento.

No Norte da África, principalmente ao sul da Cordilheira do Atlas, se encontram os *chotts*, termo local dado aos lagos de sal, que tem como característica os ciclos sazonais, frequentemente secando no verão e enchendo novamente no inverno. Os principais *chotts* interconectados estão localizados entre o sul da Argélia e Tunísia, sendo eles o *Chott el Djerid* (ou el Jerid), *Melrhir* (ou *Melghir*) e *Rharsa* (ou el *Gharsah*).

Foi nesse espaço que Roudaire imaginou implementar seu megaprojeto<sup>3</sup>, que consistia em construir um canal em Gabès, na costa tunisiana, em direção aos *chotts*, para submergir com as águas do Mar Mediterrâneo. Era estimado que essa inundação criasse um mar navegável com cerca de 8.200 km<sup>2</sup>, com uma profundidade média de 24 metros (Roudaire, 1883, p. 91). Era reconhecido

<sup>2</sup> Nascido na comuna de Guéret, parte central da França, Roudaire foi um militar e geógrafo de origem burguesa. Na formação, se especializou em diversas disciplinas envolvidas com a geografia, como geodésia e topografia. No exército, foi promovido até o posto de Coronel (Puyo, 2021, p. 184-185).

<sup>3</sup> O projeto de Roudaire se enquadra na categoria de *Megaprojeto* ou *Macroengenharia*. Por definição, os megaprojetos são, em termos técnicos, projetos de grande escala que demandam muito tempo e recursos para serem planejados, desenvolvidos e concluídos, envolvendo muitas instituições públicas e privadas e que impactam a vida de milhares de pessoas. Entretanto, do ponto de vista sociológico, os megaprojetos podem ser entendidos como instrumentos capazes de transformar as paisagens de maneira rápida, intencional e visível, exigindo a coordenação de capital e poder estatal. Nesse sentido, ao analisar a sociedade por meio de seus megaprojetos, é possível identificar suas ambições, problemas e perspectivas futuras (Söderlund *et al.*, 2017).

que a área entre o norte do futuro mar e sul do Aurès<sup>4</sup>, apresentava potencial para a agricultura, mas o clima árido dificultava essa realização. Era esperado, com o projeto, que o ambiente se tornasse úmido, com o aumento da pluviosidade e a consequente fertilização do território.

Em 1830, a França invadiu a Argélia sob o pretexto de represálias diplomáticas, mas com motivações ligadas ao desejo de expansão imperial e à instabilidade política interna da monarquia, então sob a dinastia dos Bourbons — que havia sido recém restaurada após as Guerras Napoleônicas (1803-1815). Embora a região fosse formalmente parte do Império Otomano, possuía significativa autonomia local. Após a captura de Argel, os franceses reivindicaram a posse do território como colônia. No entanto, houve resistência à ocupação, como as campanhas lideradas por Abd El-Kader (1832-1847), que prolongaram os combates com sua derrota, estabilizando parcialmente a região. Em 1848, a Argélia foi juridicamente incorporada ao território francês, o que a diferenciava das demais colônias do império. Mesmo assim, levou décadas para que a autoridade colonial fosse consolidada, sobretudo ao Sul da Cordilheira do Atlas (Naylor, 2000, p. 6-7).

105

Nesse contexto, incentivou-se a migração de colonos franceses e outras nacionalidades europeias<sup>5</sup> (os chamados *pieds-noirs*), que se estabeleceram principalmente nas áreas férteis do norte (Naylor, 2000, p. 6-7). Segundo Nicolay A. Ivanov (2010, p. 589), esse processo foi intensificado na década de 1860, com a concessão de privilégios que garantiam o direito dos europeus em repartir e transferir as terras dos autóctones. Nesse sentido, Julia Clancy Smith (2016) descreve que essa colonização se caracterizou majoritariamente por povoamento. No entanto, houve investimentos consideráveis para melhorar a infraestrutura e expandir a produção agrícola, mas sentiam-se limitados diante dos pântanos próximos à Cordilheira do Atlas e o deserto do Saara ao sul.

No caso da Tunísia, que era formalmente um território otomano, mas com autonomia considerável, os franceses passaram a exercer crescente influência à medida que consolidavam a colonização na Argélia e o Império Otomano declinava. Dessa maneira, esse território se tornou

<sup>4</sup> Região nordeste da Argélia, precisamente ao sul da Cordilheira do Atlas e próxima à fronteira da Tunísia.

<sup>5</sup> Dentre as nacionalidades presentes na comunidade europeia da Argélia, destacam-se espanhóis, italianos e malteses, além de uma considerável população judaica, cuja presença remonta ao período romano-bizantino. Após o decreto Crémieux (1870), os judeus argelinos foram naturalizados franceses, mas ainda assim sofreram tentativas de assimilação cultural por parte da administração colonial (NAYLOR, 2000, p. 14, nota 62; p. 43-44).

interesse estratégico e científico para os europeus, tendo sido explorado por militares, engenheiros e geógrafos — como o caso de Roudaire. A presença francesa foi formalizada em 1881, com o estabelecimento do Protetorado, após a assinatura do Tratado do Bardo. Embora o governo local tenha sido mantido, em aparência, o controle efetivo passou aos franceses, que passaram a explorar os recursos naturais e impor reformas administrativas e econômicas (Çoban, 2021, p. 205-206).

Roudaire (1874, p. 325-326) desenvolveu suas ideias quando convocado para realizar uma missão de levantamento topográfico na Argélia, na qual constatou que o *Chott Melrhir*, próximo a *Biskra*, estava abaixo do nível do mar. Baseado nesses dados, ele retomou fontes clássicas e observou a suposta existência de um antigo mar no Saara, denominado Tritão, que havia trazido prosperidade aos povos líbios. Após um desastre natural, esse mar teria desaparecido, tornando a região árida. Acreditava-se que a bacia dos *chotts* correspondia a essa localidade. Inspirado no recente sucesso do Canal de Suez<sup>6</sup>, Roudaire concluiu que bastaria realizar um projeto semelhante na costa de Gabès para *restaurar* a naturalidade do Aurès.

O objetivo era criar um mar evaporativo para umidificar o clima, tornando o território propício para a agricultura e a colonização europeia. Esperava-se um aumento do poder imperial francês sobre o Mediterrâneo e no restante do continente africano, com o novo mar se convertendo em um importante posto comercial e marítimo, resultando efetivamente a Argélia em uma extensão da França (Roudaire, 1883, p. 95-96).

Dessa maneira, o projeto pode ser caracterizado como uma iniciativa de perfil imperialista<sup>7</sup> e utópico<sup>8</sup>, ao buscar moldar o território norte-africano para atender aos interesses coloniais, sustentada por uma crença no progresso capaz de transcender os limites da natureza e idealizando uma próspera sociedade europeia estabelecida de forma definitiva no continente.

<sup>6</sup> O Canal de Suez, localizado no Egito, foi inaugurado em 1869, conectando o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho. Promovido por Ferdinand de Lesseps, o projeto foi amplamente celebrado como um feito da engenharia moderna e um marco da capacidade europeia em remodelar a natureza. Seu sucesso inspirou uma série de empreendimentos de grande escala, muitos dos quais associados à expansão colonial, entre eles, o projeto do Mar Interior de Roudaire.

<sup>7</sup> De modo geral, o imperialismo, para Edward Said (2011), refere-se à prática de domínio político e ideológico de uma metrópole sobre territórios distantes, sustentado por narrativas que legitimam tal autoridade. Mary Louise Pratt (1999) complementa essa perspectiva ao destacar o papel do *domínio da paisagem*, em que a geografia e os relatos de viagem transformam espaços coloniais em projeções dos interesses europeus, como evidência a proposta de transformar o deserto do Saara.

<sup>8</sup> Ruth Levitas (2010) argumenta que a Utopia, mais do que uma visão idealizada, é um método para explorar desejos e possibilidades de transformação social. Ela vê a Utopia como uma expressão do desejo humano por uma sociedade melhor, que funciona como um instrumento para a crítica social e a análise das possibilidades de transformação. Nesse sentido, a Utopia serve como um espaço onde as aspirações humanas por mudanças sociais podem ser exploradas, examinadas e debatidas, refletindo tanto os anseios quanto às limitações das sociedades que a produzem.

O projeto teria efetivamente início com sua apresentação no artigo *Une Mer Intérieure en Algérie* (1874), publicado pela revista *Revue des Deux Mondes*, o qual foi avaliado pela academia francesa e aceito para financiamento. Com o apoio de Ferdinand de Lesseps (1805-1894)<sup>9</sup>, Roudaire realizou expedições na Tunísia para calcular as áreas de inundações e o custo do projeto, o qual acabou saindo em valores exorbitantes do que inicialmente previsto.

Além disso, houve críticas e preocupações com os potenciais efeitos negativos no meio ambiente, além das incertezas sobre a viabilidade e promessas de melhoria da colonização. Esses fatores tiveram um peso considerável na decisão do governo francês em rejeitar o projeto (Roudaire, 1883, p. 55-56)<sup>10</sup>.

Como resposta, Roudaire publicou o livro *La Mer Intérieure Africaine* (1883), no qual realizou uma apresentação histórica do desenvolvimento de suas ideias, além da contínua defesa e respostas aos críticos da proposta do Mar Interior. Entretanto, o repentina falecimento do autor acabaria levando o projeto ao esquecimento. Cabe destacar a forma como os usos do passado estão presentes nas obras de Roudaire, pois tratou-se de um elemento importante que ele usou para legitimar seu trabalho.

Nas últimas décadas, o uso do passado, enquanto categoria analítica, tem sido influenciado pelas reflexões do pensamento pós-colonial. Entre os principais objetivos dessa abordagem, destaca-se a “urgência de se repensar os conceitos empregados para o estudo do passado” (Silva et al., 2017, p. 5), sobretudo aqueles formulados no século XIX, os quais consolidaram uma visão problemática da Antiguidade. Os debates promovidos pelo grupo de pesquisa *Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado* têm enfatizado a ideia da Antiguidade como uma presença posterior que se mantém ativa, sendo constantemente ressignificada a partir de diferentes contextos contemporâneos (Silva et al., 2017, p. 5).

Segundo Douglas Cerdeira Bonfá (2016, p. 16-17), com o advento da modernidade, o passado greco-romano passou a ser valorizado, visto como exemplo a ser seguido e,

<sup>9</sup> Foi um empresário e diplomata francês, é reconhecido por participar da construção dos canais de Suez e do Panamá, além da ligação com o sansimonismo. Era também um aliado próximo a Roudaire, ajudando-o a divulgar o projeto aos acadêmicos e políticos franceses, sem mencionar a sua escrita do prefácio e auxílio na publicação do livro *La Mer Intérieure Africaine* (1883).

<sup>10</sup> Roudaire anexou em seu livro o relatório que concedia um parecer negativo ao seu projeto, enviado por Charles de Freycinet (1828-1883), ministro das Relações Exteriores, ao então presidente Jules Grévy (1807-1891), que aceitou o parecer e nisso negou o financiamento e continuidade do Mar Interior.

principalmente, usado como forma de legitimação. O autor analisa que “a herança clássica constituiu um elemento vital nos modos como se tem imaginado e manipulado o mundo” (Bonfá, 2016, p. 20). Nesse sentido, a antiguidade clássica foi retomada, recriada e reinterpretada, conforme os interesses das potências europeias do século XIX (Bonfá, 2016, p. 21).

De forma semelhante, Renata Cardoso Belleboni-Rodrigues (2017, p. 157-159) observa que, entre os séculos XVIII e XIX, as pesquisas históricas estavam profundamente condicionadas e inseridas pelos contextos políticos e ideológicos, o que levou a questionáveis interpretações do passado. Segundo a autora, a História foi frequentemente utilizada como instrumento de legitimação da dominação, gerando narrativas distorcidas, moldadas e ressignificadas conforme os interesses da época. Outrossim, Margarita Díaz-Andreu (2018) aponta que a arqueologia emergiu nesse cenário como um campo que buscava construir um passado que reforçasse a identidade e os projetos nacionais. As escavações arqueológicas passaram a ter um papel central na produção de uma memória nacional, por meio da descoberta e apropriação de vestígios históricos.

No caso do Norte da África, a admiração pelo passado clássico levou a uma busca arqueológica nos territórios coloniais, pois os vestígios romanos eram associados à origem da civilização ocidental, além de legitimar a colonização francesa (Díaz-Andreu, 2018, p. 13). Desse modo, “o resultado das escavações é a tomada dos símbolos do poder romano como símbolos do próprio poder da França” (Belleboni-Rodrigues, 2017, p. 153). Não por acaso, os militares, como Roudaire, estavam diretamente envolvidos nas escavações e nos estudos geográficos da região, e realizavam constantes comparações com o passado romano<sup>11</sup>.

Ciente da importância do passado clássico para embasar suas ideias, Roudaire elaborou seu projeto com base em uma leitura aprofundada de textos antigos, usados para legitimar e comprovar supostamente a existência histórica do Mar Interior, argumentando que algo natural poderia ser facilmente recriado.

Apesar das preocupações acadêmicas quanto às consequências ambientais, Roudaire destacou dados que apontavam para uma antiga prosperidade agrícola causada pelo Mar Interior,

<sup>11</sup> Ademais, assim como a História, a Geografia estava nesse período em formação e servia aos interesses nacionais e coloniais, devido ao seu papel crucial na produção de material cartográfico e na delimitação de territórios. Segundo Mizan (2012, p. 153-154), através da geografia e relatos de viagens (no qual poderiam relatar artefatos culturais ou arqueológicos), o imperialismo intensificou a objetificação da terra explorada para simplificar o seu uso e apropriação.

evocando, assim, a glória de um passado almejado, o que contribuiu para o aumento de interesse em seu trabalho. Esses aspectos foram relevantes para convencer o governo francês a financiar as expedições, reforçando o alinhamento da proposta aos interesses coloniais.

Os usos do passado foram essenciais para a construção do Projeto do Mar Interior, pois seu embasamento estava na análise histórica. Era esperado, eventualmente, que um geógrafo oitocentista utilizasse primariamente as evidências terrestres para respaldarem seu trabalho, mas no caso de Roudaire é o contrário, com as fontes da Antiguidade sendo o elemento principal e os dados geográficos como complementares. Assim, a análise irá abordar o contexto de elaboração do projeto, das influências que levaram à escolha de certos textos clássicos e a importância deles ao longo da narrativa.

## 2. As Possíveis Influências e o mito do Mar Tritão

Antes de abordar o artigo *Une Mer Intérieure en Algérie* (1874), é importante destacar a questão do Mar ou Lago Tritão, um problema geográfico e histórico do período, que serviu como uma das principais bases para a proposta de Roudaire.

Esse corpo d'água é mencionado na obra *Histórias*, de Heródoto, especificamente no Livro IV – *Melpômene*. Ao narrar a viagem de Jasão, o autor grego refere-se à existência do grande rio Tritão, que deságua em um vasto lago ou mar homônimo, cujas margens eram habitadas por povos líbios (Heródoto, 2006, p. 378–379). O detalhe que mais atrairia a atenção nessa narrativa foi o fato de Jasão ter sido levado por uma correnteza em direção ao interior do *Aurès*, sugerindo uma antiga conexão entre o Mar Tritão e o Mediterrâneo.

Outros autores clássicos também descreveram sobre a geografia do Norte da África, com suas informações sendo posteriormente associadas à Heródoto. Esses relatos alimentaram a imaginação de restauração do antigo ambiente, com os geógrafos e exploradores indicando a região costeira de Gabès como a antiga abertura entre os dois mares. Roudaire, no entanto, forneceu poucos detalhes sobre como acessou às fontes antigas, permanecendo ambígua a maneira como utilizou os textos clássicos para conferir legitimidade histórica ao seu projeto.

Segundo Numa Broc (1987), as pesquisas de Roudaire tinham como respaldo uma longa corrente de geógrafos europeus que estudaram o Magrebe. Alguns deles — antes da conquista francesa da Argélia — já associavam o deserto como um antigo mar que secou, como os ingleses

Thomas Shaw (1694-1751) e James Rennell (1742-1830), que foram um dos primeiros a associarem a bacia dos *chotts* com o Mar Tritão (Puyo, 2021, p. 189).

Da mesma forma, Conrad Malte-Brun (1775-1826) destacou que Diodoro da Sicília mencionou sobre uma região chamada Hespérides, no qual supostamente existiu um grande lago que teria secado como consequência de um terremoto. Essa narrativa foi associada à descrição de Heródoto sobre o Mar Tritão, reforçando a ideia do Saara como um antigo *mar que secou*. Essas especulações contribuíram para a formação de um mito que inspirou projetos ambiciosos voltados para a reconstrução do *Mar do Saara*, ideia amplamente compartilhada entre militares, geógrafos e exploradores (Broc, 1987, 303-304).

Segundo David J. Mattingly (2014), os militares franceses foram ativos nas missões de levantamento geográfico e pesquisa arqueológica do Magrebe. Com a descoberta da altitude negativa do *Chott Melrhir*, somado aos indícios geológicos de presença de rios ou lagos antigos, fortaleceu-se a crença de um antigo mar e clima úmido que remontavam ao passado clássico.

Tem-se como exemplo Virlet d'Aoust (1800-1895) que após estudar o *Chott Melrhir*, afirmou que o lago estava abaixo do nível do mar. Essa descoberta alinhou com os antigos comentários de Shaw, Rennell e Malte-Brun, levando Virlet d'Aoust também a concluir que existia na Antiguidade um mar que banhava a parte sul do Atlas (Broc, 1987, p. 325).

Pouco tempo depois, o engenheiro Charles Dubocq (1820-1873) defendeu esses estudos (Bendjoudi; Letolle, 1999). Outrossim, os militares e acadêmicos Ernest Carette (1808-1889) e Claude Rozet (1798-1858) também qualificaram as ideias de Virlet d'Aoust, ao atribuir mais evidências que apontavam a localização central do Mar Tritão no *Chott Melrhir* e o que Uádi Djedi correspondia ao antigo Rio Tritão (Puyo, 2021, p. 190). Além disso, Carette e Rozet teorizaram que o isolamento dessa região com Mediterrâneo teria ocorrido devido ao acúmulo de sedimentos na costa tunisiana, através das correntezas, levando ao paulatino ressecamento até formar os atuais *chotts* (Broc, 1987, p. 325).

Henri Duveyrier (1840-1892)<sup>12</sup>, que era associado ao sansimonismo<sup>13</sup>, também chegou às mesmas conclusões de Carette e Rozet sobre a formação do *istmo* — uma estreita faixa de terra que separa dois mares — de Gabès através do acúmulo de sedimento. Estimou-se que a faixa de terreno arenoso que separava a costa do *Chott el Djerid* tinha cerca de 18 quilômetros (Roudaire, 1874, p. 334)<sup>14</sup>.

Esse ponto seria importante para que os franceses imaginassem um megaprojeto nos moldes do canal do Suez, pois com a ideia da região de Gabès como um *istmo*, bastaria apenas modificar essa formação para restaurar o corpo hídrico<sup>15</sup>. Por conseguinte, era estimado que o empreendimento fosse viável e de baixo custo, além de estar, teoricamente, devolvendo a antiga natureza da região.

Antes de Roudaire, o geógrafo e naturalista Charles Martins (1806-1889), seria um dos primeiros a defender essa ideia e descrever com detalhes como um projeto poderia ser elaborado para restaurar o Mar Interior (Roudaire, 1874, p. 338).

De acordo com Jean-Yves Puyo (2021, p. 190), na obra *Du Spitzberg au Sahara* (1866), Martins reconsiderou as opiniões anteriores sobre a existência de um mar na atual bacia dos *chotts*,

111

<sup>12</sup> Era um geógrafo e explorador francês, filho de Charles Duveyrier (1803-1866) que era discípulo de Saint-Simon (1760-1825). Apoiado e financiado por outros grupos sansimonianos, realizou viagens para documentar a natureza do Saara, tendo publicado importantes obras para a geografia do período. Por estudar a hidrografia da região e ter acumulado prestígio entre os acadêmicos, Duveyrier acabou sendo muito citado por Roudaire, principalmente nos pontos em que ele precisou reforçar os dados geográficos.

<sup>13</sup> O sansimonismo, criado pelo Conde de Saint-Simon (1760-1825), foi uma corrente que surgiu em resposta ao Liberalismo e a Revolução Francesa, promovendo a associação universal para restabelecer o vínculo social em bases pacíficas e cooperativas. Segundo Tomasello (2015), o movimento compartilhava de ideias utópicas, porém, sofreria divergências após a morte de seu líder, com alguns dos principais seguidores se distanciando ou adotando abordagens contraditórias, substancialmente no apoio de projetos coloniais. Neste aspecto, Hadj Ali (2006) afirma que a herança intelectual de Saint-Simon era convergente com os valores de superioridade do ocidente, respaldados pelo positivismo e iluminismo. Inserido no contexto do progresso tecnológico e da ciência moderna do século XIX, o sansimonismo defendia a superação das barreiras naturais por meio de grandes empreendimentos, como o Canal de Suez. Seus principais expoentes, incluindo Ferdinand de Lesseps, Michel Chevalier e Barthélemy Prosper Enfantin, legitimaram a colonização da Argélia como uma *missão civilizadora*, conectando Oriente e Ocidente sob a modernidade europeia.

<sup>14</sup> Duveyrier originalmente se refere ao *chott Nefzaoua*, mas, atualmente, essa nomenclatura não designa um lago salino específico, e sim uma região que se estende do Chott el Djerid ao Grande Erg Oriental. Roudaire posteriormente modificou essa referência, sugerindo alteração nos nomes dos *chotts* conforme os avanços nos estudos geográficos ou redefinições cartográficas. Além disso, ao verificar a localização, nota-se que o Chott el Fejaj é o mais próximo da costa, a cerca de 20 quilômetros de Gabès. Como está conectado ao Chott el Djerid, isso pode indicar que no período de escrita do artigo era considerado como único lago de sal, embora no livro de Roudaire (1883) já seja encontrado referência ao Chott el Fejaj.

<sup>15</sup> Segundo Peyras e Trouset (1988, p. 154), a obra *Géographie comparée de la province romaine d'Afrique* (1863), do diplomata e arqueólogo Charles Tissot (1828-1884), auxiliou no processo de correlação entre os usos do passado com o Projeto do Mar Interior. Embora focado na fertilidade da África romana, o autor foi influenciado por Carette ao abordar sobre o Mar Tritão. Ao retomar Heródoto, Pseudo-Cílix e Pompônio Mela, Tissot também presumiu que havia uma abertura na região de Gabès que conectava o Mediterrâneo com os *chotts*. Esta passagem teria sido paulatinamente fechada a partir do acúmulo de sedimentos, formando assim o *istmo*, o que eventualmente explicaria as tentativas das fontes romanas em descrever Tritão como um lago isolado. Nisso, observa-se que essa obra seria de influência para Charles Martins e, por consequência, Roudaire.

tendo como principal evidência a baixa altitude e os vestígios geológicos. O autor também defendeu a ideia de um paulatino acúmulo de sedimentos nos arredores de Gabès, o tornando assim um *istmo*. Dessa maneira, bastaria apenas a construção de um canal para criar o *Báltico do Mediterrâneo* (Puyo, 2021, p. 190).

Doravante, influenciado por Martins e Duveyrier, Georges Lavigne<sup>16</sup> publicou o artigo *Le percement de l'Isthme de Gabès* (1869), que antecipava ideias semelhantes às defendidas por Roudaire — ainda que este não tenha citado ou feito referência à obra<sup>17</sup>. Utilizando o caso de Suez, a partir da melhora do clima através do aumento dos lagos *Bitter* e *Timsah*, o autor (1869, p. 7) conclui que isso poderia se repetir em uma escala maior no Magrebe, proporcionando a expansão da agricultura e das rotas comerciais: “Faremos assim de toda a região entre Aurès e os *chotts* um novo delta do Nilo” (Lavigne, 1869, p. 13)<sup>18</sup>.

Em relação ao passado clássico, Lavigne (1869, p. 16) se alinha com Martins ao afirmar que a expulsão dos romanos da região foi acompanhada com o fim da *civilização* que forneciam, levando à degradação ambiental e ao avanço do deserto. Entretanto, a distinção ocorre quando Lavigne ressalta a participação da natureza nesse processo, embora considere a necessidade de uma *civilização* para impedir a arenização, colocando a colonização francesa como solução (Lavigne, 1869, p. 4).

112

O caso desses autores exemplifica um problema que seria posteriormente custoso para Roudaire, que era a tentativa de atribuir a formação dos *chotts* no passado clássico. Essa questão era, em parte, devido à formação da Geologia como ciência. Por consequência, havia debates ou objetos pouco explorados, como a idade da Terra, os tempos geológicos, além da influência religiosa, que criava desacordos, principalmente na ideia de existir um passado anterior à existência da humanidade<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> Não foi possível encontrar as datas de nascimento e morte.

<sup>17</sup> De acordo com Puyo (2021, p. 189-190), Roudaire teria plagiado Lavigne por não o ter referenciado, dado a semelhança entre os artigos e o período que os separa. Por outro lado, não houve acusação por parte dos acadêmicos, mesmo Roudaire sendo criticado pelo seu projeto, com a exceção de pequenas menções ao fato de Lavigne ter anteriormente proposto a ideia de construir um canal em Gabès, mas sem expor explicitamente o caso de plágio. De qualquer forma, a proposta de Lavigne não ganhou destaque e seria rapidamente solapada, com Puyo atribuindo o apoio de Ferdinand de Lesseps a Roudaire como um dos maiores motivos.

<sup>18</sup> “Nous ferons ainsi de toute la région comprise entre l'Aurès et les Chotts un nouveau delta du Nil” (tradução nossa).

<sup>19</sup> A questão da desertificação do Magrebe, ao longo da história, foi amplamente debatida, principalmente se o processo havia sido acelerado pela atividade humana. Durante as alterações climáticas do Holoceno, a região passou geologicamente por períodos

Segundo Mattingly (2014, p. 55-56), a maioria dos europeus viu a *barbárie* introduzida pela conquista muçulmana como início do declínio ambiental do norte da África, em contraste à *civilização* que era garantida por Roma. O autor esclarece que o imperialismo francês se baseava fortemente no passado romano, por isso justificavam suas ações como forma de restaurar a antiga natureza daquela região. No entanto, o início do declínio da fertilidade do Magrebe pela conquista muçulmana iria, eventualmente, entrar em contraposição, pois os defensores do Mar Interior atribuíam o desaparecimento do mesmo durante o período romano.

Essa questão seria um dos problemas encontrados nos textos que defendiam a (re)criação do Mar Interior. A localização do Mar Tritão, bem como sua extensão, duração e o pouco entendimento se era conectado com o Mediterrâneo ou isolado na forma de um lago, se tornaria um objeto exaustivo nos debates.

Henri Boutillier de Beaumont<sup>20</sup> (1884, p. 143-144) considerou que as fontes e cartografias do período clássico não eram muito precisas, entravam em divergência e as evidências geográficas apontavam para um passado muito distante. Outrossim, Duveyrier havia admitido a dificuldade em encontrar antigos sinais de abertura para o Mediterrâneo (Roudaire, 1874, p. 334), além de ter declarado que a busca pelo Mar e Rio Tritão seria objeto de debates intermináveis:

Vemos que a assimilação do nome de Tritão ou Tritonis a um uádi e a um sebkha (depressão salina) da África sempre se prestará a dissertações intermináveis, como se sem utilidade, cuja base será tal e tal passagem bem ou mal compreendida, de um autor clássico bem ou mal informado (Peyras; Trousset, 1988, p. 149)<sup>21</sup>.

Lavigne também ressaltou o problema, antes mesmo do projeto de Roudaire, considerando a ineficácia das fontes para encontrar os antigos vestígios:

Marcamos em alguns mapas o ponto onde as águas que deixam de fluir na superfície desaparecem sob as areias. Foi aqui que os rios e o lago se encontravam? A antiguidade não pode nos informar a esse respeito.

Ela apenas nos conta que havia um lago, um rio e um porto muito grande. Não nos dá informações exatas sobre a profundidade e extensão do lago, sobre o regime do rio e, mesmo que nos desse, não seria de nenhuma utilidade (Lavigne, 1869, p. 11)<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> alternados de aridização e umidificação, mas é amplamente constatado que esse espaço era no período clássico mais fértil e verde quando comparado com a contemporaneidade (Pausata *et al.*, 2020, p. 237-238).

<sup>21</sup> Não foi possível encontrar o ano de nascimento e falecimento.

<sup>22</sup> “On voit que l’assimilation du nom de Triton ou Tritonis à un ouâd et à une sebkha d’Afrique prétera toujours à des dissertations sans fin, comme sans utilité, dont le fond sera tel passage bien ou mal compris, d’un auteur classique bien ou mal renseigné” (tradução nossa).

<sup>22</sup> “On a marqué sur quelques cartes le point où les eaux cessant de couler à la surface disparaissent sous les sables. Est-ce là que se rencontraient autrefois les fleuves et le lac? L’antiquité ne peut nous renseigner à cet égard.

Dessa maneira, o uso dos documentos da Antiguidade para legitimar os projetos coloniais criou problemas diante das faltas de evidências, além dos novos dados geográficos que apontavam para um passado mais distante.

De acordo com Broc (1987, p. 325), a questão do Mar Tritão se caracteriza como um mito da geografia grega aproveitado pela Ciência Moderna, somado a visão estereotipada que os intelectuais tinham do Saara a partir das fontes clássicas, dos quais algumas haviam sido traduzidas e comentadas de forma questionável por Leão, o africano (1494 - cerca de 1554). Mas, conforme novos estudos e relatos de viagem apontaram para uma geografia incoerente com as interpretações dos textos históricos, surgiram debates e questionamentos que acompanharam o desenvolvimento do projeto de Roudaire.

### **3. O uso de fontes clássicas em *Une Mer Intérieure en Algérie* (1874)**

Neste artigo, não houve a escolha do autor em focar nas questões de engenharia e 114 funcionalidade do canal. Como geógrafo e militar, era esperado que Roudaire concentrasse a análise da viabilidade geográfica e nos possíveis impactos na geopolítica do território. Contudo, elas se tornam secundárias diante da importância da comprovação histórica do Mar Tritão e seus benefícios nos povos antigos.

O objetivo está em enfatizar que o projeto não visa a modificação ou a criação de algo novo naquele espaço, mas sim uma restauração. Sua narrativa é embasada no entendimento que o Mar Interior foi, paulatinamente, deixando de existir a partir do período romano, com a conquista muçulmana encerrando o apogeu agrícola. No final do artigo, Roudaire garante que, com a restauração do mar, o clima se tornaria propício para a vinda de mais colonos, expansão da agricultura e ampliação das rotas comerciais, tornando-se assim uma conquista que “o homem jamais terá feito na natureza” (Roudaire, 1874, p. 350)<sup>23</sup>.

Como exposto anteriormente, Roudaire recorreu a autores que eram exploradores, geógrafos e militares, mas poucos eram historiadores de formação plena. Embora se possa

---

Elle nous dit seulement qu'il y avait un lac, un fleuve et un très-grand (sic) port. Elle ne nous donne pas de renseignements exacts sur la profondeur et l'étendue du lac, sur le régime du fleuve, et quand elle en donnerait, ils ne serviraient de rien" (tradução nossa).

<sup>23</sup> “l'homme aura jamais faites sur la nature” (tradução nossa).

considerar que esses profissionais não estiveram diretamente envolvidos na discussão sobre o Mar Tritão, essa escolha pode ter sido influenciada pela própria formação de Roudaire como geógrafo e militar, que lhe proporcionou maior familiaridade com os autores citados acima<sup>24</sup>.

Outro fator a ser considerado nos estudos de Roudaire é a eventual direção narrativa ou analítica que favorece as suas ideias. Em outras palavras, a concepção de que o pesquisador encontra a narrativa que deseja em sua fonte, algo considerado problemático diante de análises controversas do contexto oitocentista<sup>25</sup>.

Mesmo que Roudaire não fosse historiador, o seu trabalho com as fontes clássicas poderia conter a ausência de olhar crítico diante de textos considerados por ele como verdadeiros. Na verdade, uma das eventuais razões das escolhas dessas fontes, para dar legitimidade histórica ao Mar Interior, era devido à crença de que certos documentos escritos eram incontestáveis. Esse ponto também pode ser reforçado quando considerado o fator do artigo passar por uma avaliação, no qual trazer autores da Antiguidade e referenciar figuras reconhecidas (como Duveyrier) favoreciam as chances de aprovação.

De qualquer forma, a questão do Mar Tritão ganhou centralidade no artigo de Roudaire. Era estimado que sua localização fosse na região dos *chotts*, com o seu centro sendo no Chott Melrhir. Além disso, respaldado pelos estudos anteriores, a escolha de Gabès como local de abertura do canal não era exclusivamente por fatores técnicos, pois considerou esse espaço como ponto de ligação original do Mar Interior com o Mediterrâneo.

Roudaire (1874, p. 335) afirma que Heródoto foi o primeiro a fornecer detalhes do Mar ou Baía de Tritão, no qual o analisou e estimou sua extensão original em média de 320 km de

<sup>24</sup> Todavia, Henry Clifford Darby (2020) afirma que as fronteiras entre a História e Geografia eram finas, grande parte devido à ausência de consolidação no entendimento das áreas e objetos de cada disciplina, as quais não podem ser confundidas com os debates de interdisciplinaridade — pois ganharam força apenas no século XX. No caso da França, Darby usa o exemplo de Jules Michelet (1798-1874) que dava importância às pesquisas geográficas para construir as histórias nacionais, pois a nação (e a sua história) eram constantemente definidas pelos espaços que ocuparam. Casos como esse inspiraram outros historiadores franceses a utilizarem a geografia como introdução nos seus trabalhos. Consequentemente, os geógrafos também passaram a dar crescente importância ao fundo histórico em seus objetos de estudo. O resultado foram as tentativas de “explicar a história pela geografia e a produzir sentenças do tipo ‘a história é governada pela geografia’, ‘a história é a geografia em movimento’, ‘a história é a geografia acumulando-se a juros compostos’” (Darby, 2020, n.p.).

<sup>25</sup> Dentro do campo da História, José d’Assunção Barros (2019) observou a forma como os textos antigos eram tratados no século XIX, especialmente por Charles Seignobos (1854-1942) e Charles-Victor Langlois (1863-1929), que compartilhavam a visão dos documentos já estarem prontos, “à espera do historiador, e de que os mesmos conteriam informações imobilizadas, prontas para serem extraídas” (Barros, 2019, n.p.). Em contraste, Lucien Febvre (1878-1956) destacou “o fato de que a própria documentação é delimitada ou constituída pelo historiador a partir do problema histórico que ele tem em vista, e no próprio ato da operação historiográfica” (Barros, 2019, n.p.).

comprimento e 60 km de largura<sup>26</sup>. O corpo hídrico volta a ser mencionado na obra *Périplo do Mediterrâneo*<sup>27</sup>, confirmando novamente para Roudaire a localização na atual bacia dos *chotts*, com a ligação com o Mar Mediterrâneo estando na costa do Golfo de Gabès.

Além disso, o militar francês cita Duveyrier, que havia identificado mais elementos do antigo mar no atual Chott el Djerid, próximo à cidade de Gabès (Roudaire, 1874, p. 328-329). Entretanto, ao observar a possível comunicação com o Mar Mediterrâneo, Roudaire (1874, p. 327-328) percebeu que essa informação é ausente nas fontes romanas.

Pompônio Mela escreveu sobre a geografia do Norte da África, citando a existência do Lago Tritão (também denominado como Lago Pallas), não recebendo mais alcunha de mar. Isso levou Roudaire (1874, p. 329) a teorizar que a comunicação com o Mediterrâneo havia deixado de existir, levando a uma gradual redução das águas no interior. Outro ponto que reforçou essa visão, foram as descrições de Pompônio sobre as áreas áridas com traços de vida marinha, próximas à Constantina, na Argélia.

Com o auxílio dos estudos de Duveyrier, Roudaire observou nos escritos de Cláudio Ptolomeu a existência de uma bacia de lagos próximos a Cartago, o qual se enquadrou nos atuais *chotts*. Isso levou Roudaire a reforçar a hipótese que o antigo Mar Tritão havia diminuído em volume até formar os lagos salinos (Roudaire, 1874, p. 330-331).

No entanto, ainda havia o problema da localização do suposto Rio Tritão, pois Ptolomeu dava sua origem no desconhecido Monte Vasaletus. Nesse ponto, Roudaire (1874, p. 331-332) sugere alteração no sentido do termo *tritão*, pois a localização do rio estava entrando em conflito com a geografia da região. Ele ressalta que os antigos gregos não restringiam esse termo a somente um tipo de corpo hídrico. Nesse sentido, Ptolomeu estaria se referindo a *tritão* como uma série de córregos ou riachos que ligavam *chotts*, formando assim uma bacia hidrográfica.

<sup>26</sup> “La baie de Triton pouvait occuper une surface de 320 kilomètres de longueur sur 60 kilomètres de largeur” (tradução nossa).

<sup>27</sup> Atualmente nomeado como *Périplo de Pseudo-Cílax*, pois a autoria de Cílax de Carianda é questionada por historiadores. Além disso, Roudaire atribui a fonte como pertencente ao século II a.C., algo que também foi posteriormente reavaliado, sendo considerado provável a escrita ter ocorrido no século IV a.C. (Matijašić, 2017).

É importante ressaltar que Roudaire não informou se as fontes estavam traduzidas ou comentadas por outro autor, além de não ter citado diretamente trechos da fonte, com a exceção de palavras ou nomes<sup>28</sup>.

Por fim, o autor traz Diodoro da Sicília e retoma Pseudo-Cílax, para comprovar que a atual cidade Tozeur, próxima ao *Chott el Djerid*, estava descrita nas fontes como uma suposta cidade que os líbios aproveitaram as vantagens do antigo mar (Roudaire, 1874, p. 333).

Com base nessas informações, Roudaire sintetiza que, na época de Heródoto, o Mar Tritão era ligado ao Mediterrâneo. Mas, no período romano, essa conexão havia sido cessada, causando um ressecamento até formar os atuais lagos de sal. Contudo, o autor deixa explícito a falta de dados concretos nas fontes que ligam com as informações geográficas do seu presente.

Roudaire (1874, p. 333-334)<sup>29</sup> então reconhece que a memória do Mar Tritão havia sido vagamente transmitida. Essa informação pode confirmar que, apesar da leitura de diversos documentos, a existência histórica do Mar Interior era incerta, não havendo solidez nos dados. Esse problema também era geográfico, pois a insistência de conectar os vestígios geológicos com os textos clássicos criou inconsistências.

Um exemplo é como a conexão com o Mediterrâneo foi cessada, cuja rápida formação de terra no período romano não seria naturalmente concreta. Se apoiando na bibliografia, Roudaire reforçou a hipótese do crescente acúmulo de sedimentos devido à baixa força da correnteza, aliado à falta de uma contracorrente para quebrar esses depósitos. Esse contínuo processo levaria também à redução da profundidade do mar, formando assim as atuais planícies ao redor dos *chotts* (Roudaire, 1874, p. 336).

Parafraseando Martins (1864), os lagos de sal seriam uma herança desse antigo período geológico, e bastaria apenas quebrar o *istmo* de Gabès para o mar se formar novamente (Roudaire, 1874, p. 338). Em contraste, Broc (1987, p. 327) ressaltou que alguns estudiosos do período criticaram Roudaire e seus aliados por confundirem mares geológicos com históricos, pois o primeiro tinha melhor embasamento, enquanto o segundo era carregado de dúvidas.

<sup>28</sup> Como apontado anteriormente, Broc (1987, p. 325) sugere que as fontes utilizadas pelos defensores do Mar Interior teriam sido traduzidas e comentadas por Leão, o Africano. Por conseguinte, se torna provável que Roudaire também as tenha utilizado.

<sup>29</sup> “Le souvenir de l'ancienne baie de Triton s'est transmis vaguement jusqu'à nous” (tradução nossa).

No restante do artigo, Roudaire buscou comprovar que seu projeto era viável e de baixo custo, estimando os ganhos que a França obteria com o novo mar. Além disso, abordou sobre o *celeiro de Roma* para reforçar a antiga fertilidade da província romana da África. Porém, esse ponto é mais aprofundado em seu livro. Após a publicação do artigo, Roudaire obteve aprovação do governo francês para iniciar as expedições à Tunísia.

#### **4. Os usos do passado em *La Mer Intérieure Africaine* (1883) e o *celeiro de Roma***

O contexto por trás da escrita deste livro impactou a visão que Roudaire tinha das fontes. No período em que realizava as expedições, o projeto foi constantemente questionado sobre os potenciais danos ambientais e econômicos, além do problema de análise das evidências geográficas com as históricas, na tentativa de comprovar um antigo mar na região. Diante da rejeição, Roudaire buscou continuar defendendo seu trabalho, com o livro servindo para angariar mais apoio, como observado na sua estrutura que facilita o leitor a conhecer sobre o Mar Interior.

Grande parte da obra se caracteriza como uma história do megaprojeto: do seu desenvolvimento, expectativas, resumo das expedições, das críticas, dos contra-argumentos a estes e, por fim, a rejeição final. Ao analisar os usos do passado, Roudaire optou por repristar muitas das informações que já haviam sido expostas em seu artigo.

Embora tenha focado em responder às críticas dirigidas às questões técnicas e econômicas do seu projeto, Roudaire optou por, com poucas exceções, ocultar os detalhes das críticas dirigidas aos problemas apontados em suas análises históricas. Eventualmente, devido à dificuldade em respondê-las de forma concreta.

Há como exemplo a questão da costa de Gabès, na qual Roudaire tentou, a partir das fontes antigas, configurar aquele espaço como um *istmo* existente desde a Antiguidade. No entanto, as expedições realizadas à região demonstraram que a constituição geológica do território contradiz essa hipótese: não havia, em escala histórica, indícios de uma abertura e formação posterior de faixa estreita de terra separando dois mares.

Em resposta, Roudaire (1883, p. 30-31) defendeu a existência do *istmo*, mas que o seu terreno submerso seria originalmente muito elevado. Porém, o autor rapidamente altera seu discurso ao declarar que seu projeto era independente das questões históricas e apenas centrado na geografia física.

A adoção desse posicionamento se torna problemática, pois grande parte do seu artigo estava sustentado pela discussão histórica. Um dos claros objetivos era a tentativa de comprovar a existência histórica do Mar Tritão e que o projeto poderia ser viável. Foram comentadas múltiplas fontes que iam dos antigos gregos até os viajantes muçulmanos do medievo.

Essa mudança, possivelmente, surgiu diante da dificuldade de Roudaire em responder de forma concreta os problemas de análise histórica. Entretanto, essa escolha não causa estranhamento quando contraposta ao objetivo do livro — que era de angariar apoio público ao projeto. Se Roudaire tivesse exposto a maioria das críticas, com suas respectivas informações e tentasse debatê-las, o efeito poderia ser o oposto nos leitores, pois viriam que o projeto teria mais problemas de sustentação. Isso poderia descredibilizar ainda mais o autor, no momento em que sua imagem já era negativa pela rejeição dos seus trabalhos.

Por consequência, no decorrer do livro, Roudaire não buscou mais abordar sobre a existência do Mar Tritão ou do *istmo* de Gabès. Após as respostas às críticas de outras áreas, o autor se concentrou em apresentar novos argumentos favoráveis ao megaprojeto, principalmente nos benefícios coloniais e econômicos que a França obteria. Mas a recorrência do passado não seria esquecida, pois Roudaire continuaria citando o período romano para reforçar o antigo clima mais úmido e fértil da região.

Como visto anteriormente, além da repressão colonial, havia a visão de que as conquistas muçulmanas arruinaram o *celeiro de Roma* (Mattingly, 2014, p. 50). No caso de Roudaire (1883, p. 23), argumenta-se que o Magrebe apresentava, durante o período romano, uma fertilidade ambiental *incomparavelmente* superior, com os *chotts* mais cheios de água e em condições mais prósperas, conforme indicam os vestígios encontrados nas áreas próximas.

Essa visão era condizente com a mentalidade dos franceses, especialmente dos militares, na Argélia. Os soldados eram vistos como descendentes dos antigos legionários e seus generais eram comparados aos grandes comandantes romanos (Mattingly, 2014, p. 54). A maioria dessas figuras seria encarregada das missões de mapeamento, topografia e arqueologia, as quais acabaram criando a imagem de um antigo Magrebe ambientalmente glorioso e que poderia ser restaurado. Como Roudaire (1883, p. 93) afirmou: “os fatos históricos confirmam [...] que na época romana, quando

os *chotts* estavam cheios de água, o sul da Argélia e da Tunísia era incomparavelmente mais fértil do que hoje”<sup>30</sup>.

Ademais, a narrativa de Roudaire buscou atingir os franceses que exerciam atividade econômica na Argélia, principalmente os envolvidos na agricultura. Esse ponto é ainda mais reforçado quando se leva em consideração a sua proximidade com os sansimonianos, que defendiam a aplicação de grandes projetos para restaurar o *celeiro de Roma*.

De acordo com Smith (2016), uma parcela das elites francesas na Argélia tinha vínculos com o sansimonismo e, conforme desenvolveram planos de expansão agrícola, encontraram limitações geográficas, com destaque para a influência climática do Saara. Esse processo ocorria simultaneamente com as descobertas arqueológicas que eram rapidamente usadas para comprovar e enaltecer o paraíso agrícola que os romanos desfrutaram daquele espaço.

Outrossim, Mattingly (2014, p. 55) observa que parte desses estudos eram problemáticos e questionáveis, pois extraíram somente as narrativas que eram convenientes às ações coloniais. Da mesma forma, Roudaire utilizava esses dados apenas para reforçar suas ideias e argumentos, ao passo que ironicamente essas mesmas pesquisas contradiziam as longas análises que ele fizera sobre o Mar ou o Lago Tritão.

O livro é encerrado com Roudaire imaginando um cenário utópico, com a França obtendo todos os benefícios que desejavam no período: a Argélia efetivamente uma segunda França, o legado romano *restaurado*, status de potência relevada após a perda Alsácia-Lorena e o domínio comercial e colonial do restante do continente africano. Como Roudaire (1883, p. 95-96) afirmou, “É para este objetivo que todos os nossos esforços devem ser direcionados hoje; é no Norte de África que devemos procurar a extensão necessária ao desenvolvimento da nossa riqueza e do nosso poder”<sup>31</sup>.

Assim, é crucial reconhecer que os esforços de Roudaire e seus contemporâneos para legitimar o Projeto do Mar Interior fundamentam-se em uma rede complexa de referências lendárias, estruturadas por um *tópos* ou *topoi*, que visavam conferir legitimidade e continuidade às

<sup>30</sup> “Les faits historiques confirment [...] du temps des Romains, lorsque les chotts étaient pleins d'eau, le sud de l'Algérie et de la Tunisie était incomparablement plus fertile que de nos jours. La stérilité des régions avoisinantes a été la conséquence du dessèchement (sic) des chotts” (tradução nossa).

<sup>31</sup> “C'est vers ce but que doivent tendre aujourd'hui tous nos efforts; c'est dans le nord de l'Afrique que nous devons chercher l'extension nécessaire au développement de notre richesse et de notre puissance” (tradução nossa).

suas ideias. A utilização de fontes clássicas e a conexão com o passado romano não apenas ofereciam suporte teórico, mas também funcionavam como instrumentos para justificar a intervenção colonial francesa. Nesse contexto, o uso da história como ferramenta para transformar a paisagem saariana evidencia a persistência de estratégias de dominação e exploração, em que o passado é moldado para atender aos interesses do poder contemporâneo.

## 5. Conclusão

A partir da análise do Projeto do Mar Interior do Saara, percebe-se como os usos do passado desempenharam um papel central na sua formulação e legitimação. A construção dessa proposta não foi resumida a um empreendimento de engenharia e colonização, pois, provavelmente, Roudaire não tinha intenção de ser o inventor, mas sim um *restaurador*. Essa ideia pondera as buscas em fontes clássicas para encontrar evidências que conectam os *chotts* ao mitológico Mar Tritão e à prosperidade do período romano. Isso também é refletido no pensamento imperialista, que via na Antiguidade um modelo a ser recuperado para justificar a expansão e domínio europeu sobre o Saara.

Contudo, a relação entre Roudaire e o passado revela também as tensões e limites de sua abordagem. Embora fontes históricas fossem usadas como base, a escolha delas vinha a partir de uma corrente de geógrafos e exploradores que tentavam atribuir evidências geológicas ao período clássico. O resultado foi uma intensificação deste processo no artigo *Une Mer Intérieure en Algérie*, levando a análises problemáticas que careciam de dados concretos.

A mudança de discurso em *La Mer Intérieure Africaine*, no qual o autor relega os usos do passado a um papel secundário, reflete, diante das críticas, às dificuldades em sustentar a viabilidade histórica do Mar Tritão. O apelo ao período romano, serviu como complemento para legitimar os benefícios coloniais e agrícolas projetados, demonstrando a persistência de um imaginário que vinculava a dominação territorial à missão civilizatória dos europeus.

Portanto, o caso de Roudaire ilustra como o uso do passado é moldado pelas necessidades e interesses do presente, utilizando a narrativa histórica para legitimar certos empreendimentos. No caso de Roudaire, a busca em justificar e sustentar sua proposta através do passado clássico, reflete não apenas seu pensamento, mas também as aspirações imperialistas e utópicas da França no contexto do século XIX. Assim, este estudo expõe não apenas as dinâmicas entre História e

Geografia, mas também os limites e possibilidades de como o passado é mobilizado para servir aos interesses do presente, não estando restritas às mãos dos historiadores e arqueólogos.

## Referências

- ALI, Smail Hadj. Os São Simonianos e a colonização da Argélia. **Revista dos Estudos Avançados**: São Paulo, v. 20, n.º 56, p. 225-236, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yhW6WMh9Kbq9nWpQwN3y6Wx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- BARROS, José D’Assunção. Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos. **História e Parcerias**: Rio de Janeiro, ANPUH, n.p., 2019. Disponível em: [https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1569693608\\_ARQ\\_UIVO\\_bd3da9a036a806b478945059af9aa52e.pdf](https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1569693608_ARQ_UIVO_bd3da9a036a806b478945059af9aa52e.pdf). Acesso em: 11 jan. 2025.
- BONFÁ, Douglas Cerdeira. Antiguidade, Identidade e os Usos do Passado. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**: Campinas, n. 30, p. 11-32, jan-dez 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cpa/article/view/17204>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- 122
- BROC, Numa. Les Français face à l'inconnue saharienne: géographes, explorateurs, ingénieurs (1830-1881). **Annales de géographie**: Paris, v. 96, n.º 535, p. 302-338, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/geo.1987.20609>. Acesso em: 11 jan. 2025.
- ÇOBAN, Mehmet İlбey. The Challenges to French Colonial Rule in Tunisia: Realpolitik in the Mediterranean. **Uluslararası Suçlar ve Tarih/International Crimes and History**: [s.l], n. 22, p. 193-216, 2021. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/pub/ustich/issue/66006/1018079>. Acesso em: 24 mai. 2025.
- DARBY, Henry Clifford. Sobre as relações entre História e Geografia. **Confins**: São Paulo, n. 44, n.p., mar. 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/26794#quotation>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- DÍAZ-ANDREU, Margarita. Archaeology and Imperialism: From Nineteenth-Century New Imperialism to Twentieth-Century Decolonization. In: EFFROS, Bonnie; LAI, Guolong. Unmasking Ideology in Imperial and Colonial Archaeology: Vocabulary, Symbols, and Legacy. **Vocabulary, Symbols, and Legacy**. Cotsen Institute of Archaeology Press at UCLA, JSTOR, p. 3-28, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctvdjr0t0>. Acesso em: 23 oct. 2024.
- HERÓDOTO. **História**. [s.l]: eBooksBrasil, 2006. *E-book*.
- LAVIGNE, Georges. Le percement de l'Isthme de Gabès. **Revue Moderne**: Paris, p. 1-16, nov. 1869 (1876). Disponível em:

[https://books.google.com.br/books/about/Le\\_percement\\_de\\_l\\_Isthme\\_de\\_Gab%C3%A8s.html?id=GIpvi7-SouMC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Le_percement_de_l_Isthme_de_Gab%C3%A8s.html?id=GIpvi7-SouMC&redir_esc=y). Acesso em: 13 mar. 2025.

LEVITAS, Ruth. **The Concept of Utopia**. Bern: Peter Lang, 2010. *E-book*.

PUYO, Jean-Yves. Utopian and Developmental Mediterranean Spaces: The Example of the *Inland Sea* of Martins, Lavigne, Roudaire et al. (1869–1892). In: LOIS-GONZÁLEZ, Rubén Camilo (ed.). **Geographies of Mediterranean Europe**. London: Springer Cham, Springer Geography, p. 181-197, 2021. *E-book*.

MATTINGLY, David. J. From one colonialism to another: imperialism and the Maghreb. In: MATTINGLY, David. J. **Imperialism, Power and Identity**: Experiencing the Roman Empire. New Jersey: Princeton University Press, v. 2, p. 49-69, 2014. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/From-one-colonialism-to-another-%3A-imperialism-and-Mattingly/394c0ce2aa8e7924a0cc36c1ac442da15cb02a27>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MATIJAŠIĆ, Ivan. Cílax de Carianda, Pseudo-Cílax e o Péríplo de Paris: reavaliando a tradição antiga de um texto geográfico. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 1–19, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/127958>. Acesso em: 1 maio. 2025.

123

MIZAN, Souzana. Geography and Travel Writing as Imperial Tools. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**: Brasília, v. 13, n. 1, mar-abr. p. 150-162, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/1838035/Geografia\\_e\\_narrativas\\_de\\_viajem\\_como\\_ferramentas\\_imperialistas](https://www.academia.edu/1838035/Geografia_e_narrativas_de_viajem_como_ferramentas_imperialistas). Acesso em: 16 jan. 2025.

PAUSATA, F.S.R.; GAETANI, Marco; MESSORI, Gabriele; BERG, Alexis; SOUZA, Danielle Maia de; SAGE, Rowan F.; deMENOCAL, Peter B. The Greening of the Sahara: Past Changes and Future Implications. **One Earth - Cell Press**: Philadelphia, Elsevier inc., p. 235-250, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.oneear.2020.03.002>. Acesso em: 27/02/2025.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru: EDUSC, 1999.

PEYRAS, Jean; TROUSSET, Pol. Le lac *Tritonis* et les noms anciens du chott el Jérid. **Antiquités africaines**: Aix-en-Provence, v. 24, p. 149-204, 1988. DOI: <https://doi.org/10.3406/antaf.1988.1150>. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/antaf\\_0066-4871\\_1988\\_num\\_24\\_1\\_1150](https://www.persee.fr/doc/antaf_0066-4871_1988_num_24_1_1150). Acesso em: 05 mar. 2025.

ROUDAIRE, François Élie. Une Mer Intérieure en Algérie. **Revue des Deux Mondes (1829-1971)**: Paris, TROISIÈME PÉRIODE, v. 3, n. 2., p. 323-350, mai. 1874. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44750901?seq=1>. Acesso em: 10 jan. 2025.

\_\_\_\_\_. **La mer intérieure africaine**. La Société anonyme de publications périodiques, 1883. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=WqZIAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=WqZIAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 11 jan. 2025.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011. Edição de bolso. *E-book*.

SILVA, G. J. (Org.); GARRAFFONI, R. S. (Org.); PAULO A. FUNARI, PEDRO (Org.); Gralha, J.C.M. (Org.); Rufino, R. (Org.). **Antiguidade como Presença**: Antigos, modernos e os usos do passado.. 1. ed. Curitiba: Prismas, v. 1, 2017.

SMITH, Julia Clancy. Colonial North Africa: Migration, Failed Innovation, and Agriculture, c. 1830-1914. **Revue d'histoire du XIXe siècle**, Paris, v. 53, n. 2, p. 1-19, 2016. Disponível em: <https://shs.cairn.info/journal-revue-d-histoire-du-dix-neuvieme-siecle-2016-2-page-97?lang=en>. Acesso em: 19 jan. 2025.

SÖDERLUND, Jonas; SANKARAN, Shankar; BIESENTHAL, Christopher. The past and Present of Megaprojects. **Project Management Journal**: Newtown Square, Project Management Institute, v. 48, n.º 6, p. 5-16, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/875697281704800602>. Acesso em: 13 jan. 2025.

124

TOMASELLO, Frederico. Utopia e política del movimiento sansimoniano (1825-1835). In: IV Congresso Internacional de Estudos Utópicos: A Utopia Italiana - Particularidades, Problemas e Possibilidades. **MORUS UTOPIA E RENASCIMENTO**: Firenze, Università degli Studi di Firenze, v. 10, p. 281-298, 2015. Disponível em: <https://flore.unifi.it/handle/2158/1094620>. Acesso em 19 jan. 2025.

#### Artigos Livres

Recebido em: 08 mai. 2025.  
Aprovado em: 02 jun. 2025.